

Estudo da composição micológica de dois tipos de camas utilizadas para forração de baias de equinos e sua relação com o desenvolvimento de afecções respiratórias alérgicas

Karina Calciolari¹, Kamila Gravena, Vinicius Athaydes Canello, Nara Saraiva Bernardi, Daniela Junqueira de Queiroz, José Corrêa de Lacerda Neto

Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Jaboticabal, SP, Brasil

*Autor correspondente
e-mail: karinaveterinaria@yahoo.com

Resumo

Dentre as inúmeras causas que levam à queda de desempenho e afastamento dos equinos do esporte, estão as afecções do sistema respiratório, as quais ficam somente atrás de desordens musculoesqueléticas. Relata-se que um dos agentes predisponentes a essas afecções é a exposição a alérgenos como esporos de fungos (*Fusarium*, *Aspergylus* e *Penicillium*) presentes no ar, feno ou cama das cocheiras. Nesse intuito, esse trabalho teve como objetivo estudar a flora fúngica de dois tipos diferentes de cama utilizados como forração de baias de equinos e possíveis diferenças no desenvolvimento de irritações respiratórias. Foram utilizados 10 equinos, machos ou fêmeas, com idade de $14,5 \pm 4,5$ anos, estabulados por 45 dias, sendo divididos em dois grupos utilizando camas diferentes: maravalha autoclavada de pinus comercial (MA) e material formado por madeiras diversas provenientes de serrarias (SE). Ambos os grupos receberam o mesmo concentrado comercial peletizado, assim como feno pré-secado de tifton. Realizou-se análise das amostras das camas a partir do método do papel filtro umedecido utilizado para sementes. Fungos que se desenvolveram sobre as partículas de cama após a incubação foram coletados e analisados em microscópio óptico mediante o uso do corante lactofenol azul-algodão. Os equinos foram observados quanto ao aparecimento de sinais de irritação das vias aéreas: espirros, tosse, coriza e frequência respiratória, os quais foram associados a notas e resultando em escores: leve, moderado e grave. A estimativa de incidência dos fungos e escores foram analisados pelo teste de Kruskal-Wallis, com valores de p iguais ou inferiores a 0,05 ($P \leq 0,05$). Diversos gêneros fúngicos foram observados sobre as amostras, sendo que a cama MA apresentou maior porcentagem de *Cladosporium* ($5,6 \pm 4,2$), *Curvolaria* ($1,0 \pm 1,7$), *Helminthosporium* ($1,0 \pm 1,0$), *Fusarium* ($0,2 \pm 0,4$) comparado a cama SE: *Cladosporium* ($0,4 \pm 0,9$), *Curvolaria* ($0,4 \pm 0,5$), *Helminthosporium* ($0,2 \pm 0,4$), *Fusarium* (0,0). O gênero *Aspergylus*, que é um dos fungos mais incriminados pela sintomatologia clínica de doenças respiratórias de origem alérgica, não foi observado. Apesar da cama MA ser autoclavada, observou-se



a presença de fungos, dentre eles alguns patogênicos como o *Fusarium*, e em maior porcentagem do que na cama SE, podendo esse fato estar associado à contaminação durante o transporte e armazenamento. Apesar da cama MA apresentar maior porcentagem de gêneros fúngicos, apenas um animal estabulado neste tipo de cama apresentou sintomas leves de irritação das vias aéreas superiores; em contrapartida, na cama SE, dois animais apresentaram sintomas respiratórios de moderado a grave. Especula-se que tais sintomas possam estar relacionados a maior capacidade da cama SE em dispersar partículas respiráveis, deixando o ar da baia mais propício a desenvolver irritação das vias aéreas. O desenvolvimento de respostas irritativas e alérgicas do sistema respiratório de equinos está relacionado a diversos fatores intrínsecos ao manejo ao qual são submetidos. A caracterização micológica das camas utilizada nesse trabalho não influenciou na porcentagem de animais com sintomatologia respiratória, estimulando novas pesquisas quanto à qualidade, composição e gramatura do material utilizado na forração das baias.

Palavras-chave: Sistema respiratório. Cavalos. Maravalha.